

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

Trabalho de Graduação Individual

A memória do trabalho rural na terra dos arcanjos – São Gabriel, Bahia



Estudante: Thais Pereira Rocha NUSP 9827610

Orientadora: Professora Dra Simone Scifoni

São Paulo

2021

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas
Departamento de Geografia

A memória do trabalho rural na terra dos arcanjos – São Gabriel, Bahia

Trabalho de Graduação Individual
apresentada ao Departamento de
Geografia para obtenção do título em
bacharel em Geografia na
Universidade de São Paulo

Orientadora: Simone Scifoni

São Paulo

2021

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que me ajudaram a chegar até aqui enquanto ser humano, estudante e profissional. Em especial, minha mãe Dona Leide, mulher mais brava (agricultora familiar) que eu conheço.

Lá no meu sertão
Pro caboclo ler
Tem que aprender
Outro abc.

O jota é ji
O éle é lê
O ésse é si
Mas o érre tem nome de rê

A, bê, cê, dê, é, fê, guê, agá, i, ji, lê,
mê, nê,
Ó, pê, quê, rê, si, tê, u, vê, dáblio,
xis, ípsilon, zê.

Do vírus, menina
Se faz a vacina.

MORAIS Moreira. **Ps.** Rio de Janeiro: Som Livre,
1975. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=v2B871Achmo&ab_channel=CarlosCarv1. Acesso em 31 de
maio de 2021

Agradecimentos

Escrever uma pesquisa não é um trabalho fácil. São alguns meses de ansiedade, tristeza, dúvidas e alegrias, que muitas vezes são compartilhadas. E quem está no caminho com você se torna as principais peças e forças para fazer a pesquisa sair do campo das ideias e tomar forma no papel -- ou, no caso, em um arquivo no computador.

Neste percurso de estudos da escola à faculdade, muitas pessoas estavam; outras chegaram, fizeram morada, mas depois passaram; algumas permaneceram e somaram. Mas o ponto é que todas mostraram diferentes vivências, visões e perspectivas que me auxiliaram na minha formação.

Antes de agradecer a quem chegou, vou agradecer a quem sempre esteve ao meu lado: minha família, família de agricultores rurais que aprenderam, viveram e resistiram no campo brasileiro, da melhor forma de que acreditaram que possa ser a coexistência entre o ser humano e a natureza. Pessoas estas que me formaram e são parte de quem eu sou. Uma pessoa em especial, minha mãe Dona Leide, que sempre me apoiou e, apesar de muitas vezes não concordar com todos os meus rumos, sempre esteve ao meu lado. As minhas tias Bau, Eni, Jandira e minha prima Daiane pela paciência em responder às curiosidades e aos questionamentos de uma sobrinha/prima paulistinha. Minha irmã, Uandella, por me acompanhar nas entrevistas e nas caminhadas por São Gabriel, mesmo sem entender muito bem o que eu estava fazendo. O apoio de vocês foi essencial.

Agradeço a Charlene e Carolina Britto pelo apoio à distância, buscando pessoas e resolvendo problemas técnicos e teóricos da pesquisa. E a Elson por todas as caronas de São Gabriel à rodoviária de Irecê, e as idas à roça.

Às minhas amigas e amigos que compreenderam minha ausência, ansiedade e muitas vezes mau humor por conta da pesquisa, mas que sempre estiveram dispostos a me ouvir: Laura Miranda, Mônica Maria, Maricé Leite, Ingrid Monteiro, Pedro Pereira e Max Rodrigues, além de tantos outros que se fizeram presentes.

A todos os agricultores rurais que se dispuseram a ser entrevistados por mim, como Dona Amazila, Bimba, Daro, Linda, Iraci, Nino, Isaltina, Janice, Juarez, Juri, Miliana, Oscarzinho e Rosalia.

À minha orientadora Simone Scifoni pela paciência com todas minhas dúvidas e questionamentos, e por acreditar e confiar em minha pesquisa tanto na Iniciação Científica quanto no TCC.

Aos colegas da Rede Paulista de Educação Patrimonial pelas conversas e reuniões formadoras.

Ao Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo, por toda estrutura oferecida durante estes seis anos de formação.

E a São Gabriel, a terra dos Arcanjos. Obrigada.

Resumo

ROCHA, Thais Pereira. **A memória do trabalho rural na terra dos arcanjos – São Gabriel, Bahia**. 2021. 55 f. TCC (Graduação) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

A pesquisa analisou as transformações do trabalho rural e da paisagem sob a ótica da memória dos agricultores a partir de 1960, quando começaram os incentivos massivos à agricultura da região. Para estudar tal objeto, foi utilizada a prática de entrevistas semidirigidas entre os agricultores, sendo entrevistados aqueles que tivessem mais de 70 anos. No que compete à memória e ao trabalho rural, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema, tendo como um dos principais pontos a questão de gênero. O resultado da pesquisa indica um diferencial de gênero na valorização da memória do trabalho rural, que tem no homem a figura da resiliência do campo enquanto proporciona o apagamento do trabalho plural feminino — o real símbolo da resistência do trabalho rural.

Palavras-chaves: Agricultura familiar, gênero, memória e trabalho

Abstract

ROCHA, Thais Pereira. **The memory of rural work in the land of archangels - São Gabriel Bahia**. 2021. 57 f. TCC (Graduate) - Geography Course, Department of Geography, University of São Paulo, São Paulo, 2021.

The research has analyzed the transformations of rural work and the landscape from the perspective of the farmers' memory since 1960, when massive incentives in agriculture in the region had begun. For this study, it was applied the practice of semi-structured interviews among farmers over 70 years old. About memory and rural work, a bibliographical review of the subject was carried out with direct focus on gender. The result of the research indicates a gender differential in the valorization of the memory of rural work, which has in men the figure of rural resilience while provides the erasure of plural female work — the real symbol of resistance of rural work.

Key-words : Family farming, gender, memory and work

Sumário

1.Introdução	1
2.A questão do espaço	5
2.1. Nordeste e São Gabriel, frutos da mesma terra	6
3. Procedimentos técnicos-metodológicos da pesquisa	20
4. A memória do trabalho na terra do feijão	24
5. Memória tem gênero?	38
6. Considerações finais	40
7. Referências Bibliográficas	44

Lista de figuras

- Figura 1. Imagem da esquerda 1 - Divisão político-administrativa do Platô Norte da Chapada Diamantina em 1889; Imagem da direita -2 Divisão político-administrativa do Platô Norte da Chapada Diamantina em 1940 (Fonte: REIS, 2012). 10
- Figura 2. Vista aérea do município de São Gabriel. (Fonte: Google Earth, 2020) 16
- Figura 3. Feira de São Gabriel por volta de 1940. Sem autor 17
- Figura 4. Brasão das Armados dos Estados Unidos do Brasil de 1889, usado possivelmente pela Coluna Prestes. Autora: Thais Rocha, 2020 18
- Figura 5. Dona Janice e seu Juarez. Foto: 2021. Autoras: Charlene e Carolina Brito 21
- Figura 6. Recorte do mapa do polígono da seca no Nordeste. Fonte: SEI - BAHIA, 2019 24
- Figura 7. Comparação nos tipos de moradia na sede do município em São Gabriel. Casa de adobe ao lado de uma construção mais recente. Fonte: Thais Rocha, 2020 25
- Figura 8. Remanescentes de casa de adobe na sede do município de São Gabriel. Fonte: Thais Rocha, 2020 26
- Figura 9. Fachada das casas, sendo à esquerda de Dona Janice e Juarez, a direita de Saul Liolino e Aldagiza Rocha. Autores: Thais Rocha, Charlene e Carolina Brito, 2020-2021 27
- Figura 10. Monumento na Praça do Feijão em Irecê Fonte: Viera, 2013. 29
- Figura 11. Depósito da colheita na sede de São Gabriel. Autora: Thais Rocha, 2020 31
- Figura 12. Cana de açúcar sendo moída no motor de Trator. Autor e data: desconhecido. Fonte: Acervo pessoal de Brasilidis, s/d. 32
- Figura 13. Tachos no engenho de cana de açúcar. Autor e data: desconhecido. Fonte: Acervo pessoal de Brasilidis, s/d. 33
- Figura 14. Imagem de São Gabriel, destaque para área verde, o Riacho do Baixão. Fonte: Google Earth, 2021 35

Figura 15. Baixão no período de cheia na ponte da pinguela. Autor e data desconhecidos. Fonte: Acervo pessoal de Brasilidis, s/d. 36

Figura 16. Ponte da pinguela com baixão assoreado. Autora: Thais Rocha, 2020 36

Lista de mapas

Mapa 1. Localização do município de São Gabriel. Fonte: IBGE, 2018. Elaboração: Thais Rocha, 2020 15

Mapa 2. Localização das comunidades rurais e quilombolas no município de São Gabriel. Fonte: IBGE/ SEI BAHIA, s/d. Elaboração: Thais Rocha, 2021 19

Lista de tabela

Tabela 1. Comunidades quilombolas certificadas no município de São Gabriel. Fonte: Fundação Cultural Palmares, 2021 11

Tabela 2. Lista das comunidades rurais de São Gabriel. Fonte: PEREIRA; JP PEREIRA (2012) 13

1.Introdução

O atual estágio das relações modernas-tecnológicas que estamos inseridos busca cada vez mais preencher nosso corpo e mente com diversas interações e estímulos, aumentando sempre que possível o nível de controle sobre os indivíduos. Vários tipos de recursos são criados e utilizados para manter esse controle, sendo um deles os de recordações pessoais programados para lembrar determinado dia, um ou cinco anos atrás. Ao clicar, você vê as fotos e mensagens mais importantes daquele dia em específico. Outro age notificando para que você libere espaço no seu dispositivo, pois a memória está cheia. Ou tantos outros que são produzidos para ocupar qualquer espaço ou tempo vazio no nosso cotidiano, porque as atividades diárias não são suficientes para essa nova lógica mundial.

A capacidade humana de reter, guardar, apagar, lembrar informações, momentos e imagens faz parte do nosso processo evolutivo enquanto espécie. Nesse sentido, a memória, memória propriamente dita, descrita no dicionário como faculdade humana, reputação, nome, celebração de feitos ou “aquilo que ocorre ao espírito como experiências de resultados já vividos”¹ é uma parte substancial e primordial da nossa vida, com ou sem os meios tecnológicos atuais.

Logo, trabalhar com a memória envolve saber que ela é uma construção diária, pois cada vez que você lembra de algo há uma ressignificação, podendo fazer de uma lembrança boa, ruim, engraçada ou triste. Estudar a memória do trabalho, principalmente a do trabalho rural, envolve diversos aspectos da formação socioespacial brasileira por essa ser uma herança cultural, já que a constituição do território brasileiro se deu e continua a ser em função da exploração da terra por meio da agricultura e pecuária.

Trabalhar tal tema visa desde buscar os primórdios das práticas agrícolas até compreender as transformações técnicas mais recentes do trabalho rural no país — que atualmente possui nível sofisticado de tecnologia associado à sua produção —, e a consequente obsolescência ou esquecimento das antigas formas do trabalho rural, que hoje se apresentam como resistência ao agronegócio no país.

¹ Memória. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2021. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/risco/>>. Acesso em: 20/08/2021.

Estudar a questão agrária sobre o ponto de vista da memória, especialmente a memória social no nordeste brasileiro, é tocar em uma ferida aberta do nosso país, dado que esta foi construída à base da exploração e genocídio de populações indígenas e africanas, brutalmente escravizadas e torturadas. Não podendo esquecer também de toda a perda de biodiversidade ambiental, suprimida em nome das monoculturas e do progresso brasileiro; perdas essas que não cessaram, mas que se agravaram na atualidade por conta da escassez de políticas públicas de proteção social e ambiental e das inconsistências das que existem diante ao poder e influências do agronegócio neoliberal brasileiro e internacional.

Apesar do volume e da carga sensível que o tema e o local possuem, não podemos ocultar ou deixar de falar dos processos de construção da história brasileira, tendo em vista que mais do que nunca é preciso denunciar e divulgar, o sofrimento causado, a fim de que não caia no esquecimento ou apagamento e, desse modo, possamos permitir uma nova forma de desenvolvimento e de futuro que não tenha a morte e a exclusão como práticas primordiais, mas sim a integração e a horizontalidade.

Considerando as diversas fases da agricultura no território brasileiro e toda a complexidade que o engloba, muitas regiões poderiam ser eleitas. Contudo, nenhuma delas traria a carga emocional que a cidade de São Gabriel tem. Para além de um exemplo de município que cresceu, expandiu e que está em decadência por conta da agricultura e pecuária, a região é o local de origem e residência das histórias, vivências e familiares que compõem a vida da pesquisadora que aqui escreve este trabalho. Cidade localizada no interior do sertão baiano, conhecida tanto como terra do feijão e como terra dos arcanjos, São Gabriel é o princípio, meio e algum dia o fim de histórias que dizem e me compõem como indivíduo.

Por consequência, é relevante destacar que a eleição dessa região também está relacionada à importância de se falar e estudar outras áreas brasileiras, para além do Sudeste. Cabe pontuar que a pesquisa não quer valorizar ou estimular os discursos existentes sobre o nordeste brasileiro, como local da seca, da pobreza, abandonado, do qual as pessoas fogem por conta da fome e da sede, ou como local das rebeliões ou do messianismo. O objetivo é entender como essas imagens são fomentadas, e como e a quem elas servem, como é recomendado por Albuquerque, Jr (2009).

Estudar o nordeste brasileiro é um desafio, principalmente quando se pertence a uma Universidade no Sudeste, visto que muito pouco é ofertado sobre durante a graduação em função da escassez de disciplinas² — o que é um prejuízo enorme para a formação de um geógrafo, já que sua formação acaba sendo direcionada para regiões específicas do país, não só por sua localização, mas por uma escolha política e ideológica da instituição.

Tendo em vista tal situação, no início da pesquisa ocorreu uma dificuldade em encontrar referências, além da bibliografia clássica tanto sobre o Nordeste quanto da própria Bahia, mas que se tornou menos árdua devido a existência de uma vasta e extensa rede de banco de dados sobre a região, sobretudo por conta da expansão das universidades e institutos de pesquisa, a partir dos anos 2000³.

Sobre o oeste baiano, existe uma gama de produções acadêmicas, de dissertações a teses, relatos de viajantes e produções de instituições estatais sobre a região, principalmente temas relacionados à estrutura fundiária agrária, dados físicos e sociais, pois muitas dessas produções estatais estão voltadas ao desenvolvimento de projetos de incentivo e recuperação econômica.

A localidade em questão, São Gabriel, por ser um município recente – emancipado na década de 1980 —, não possui tradição nas pesquisas acadêmicas. Todavia, essa situação está sendo alterada com trabalhos como o de Machado (2004), Rocha (2008), Pereira; JP Pereira (2010); Martins (2012), Reis (2012), Santos (2014) e Oliveira (2015), representando algo importante para a cidade por abordar a estrutura agrária, memória, espaço, a relação com a seca e as relações sociais que a territorialidade permeia.

Desse modo, este trabalho tem a intenção de somar e propor outros olhares sobre e para a região. Estudar a memória do trabalho rural em uma localidade que surgiu, teve apogeu e decadência no que condiz às práticas agrícolas como fonte econômica principal, é muito sensível. Um ponto importante a se pôr é que a região possui o maior

² Na grade curricular do curso de bacharelado em Geografia na Universidade de São Paulo é lecionado apenas a disciplina de Regional Nordeste.

³ Instituto de Ciência, Tecnologia e Inovação da Universidade Federal da Bahia (2018); Universidade Federal do Sul da Bahia (2011); Faculdade do Sul da Bahia (2001); Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (2006); Universidade Federal do Oeste da Bahia (2013).

número de agricultores familiares do estado da Bahia, totalizando 41.011 pessoas (IBGE, 2015).

A sensibilidade surge por conta da imersão nas lembranças dos trabalhadores rurais, aqui tratados como protagonistas e integrantes da pesquisa, e não apenas como objetos de estudo; por estarmos nos aprofundando no emaranhado que compõe as emoções das pessoas, devido às dificuldades, sofrimento e alegrias que foi viver todos esses períodos. Ser memória viva e presente de eventos históricos não é uma tarefa fácil.

A associação da memória e emoção são indissociáveis na vida humana, principalmente quando adicionamos o quesito paisagem a ela, onde as lembranças são fixas e diárias ao olhar. Mas, como toda e qualquer cidade brasileira, o processo de renovação urbana induzida ocorre, o que por consequência gera transformações nessas paisagens, reconfiguração da lógica de ocupação e do tipo de construções que as envolve.

A pesquisa tem como foco o estudo do trabalho rural sob a ótica da memória, sobretudo social, no nordeste brasileiro, sendo organizada a fim de responder quais são as memórias em relação ao trabalho rural e quais foram as transformações que o município sofreu em relação a esse trabalho — já que há uma mudança evidente nas formas de trabalhar e viver no município —, e como as memórias da sua “primeira população” podem de certa forma solidificar e reafirmar o que São Gabriel já foi um dia.

Para isso o presente trabalho está dividido em seis capítulos, contando com a introdução, o segundo destinado ao debate sobre o espaço e a apresentação do território de São Gabriel, o terceiro sobre a metodologia adotada para a pesquisa, o quarto sobre o trabalho com a memória desenvolvido na pesquisa, o quinto sobre a questão de gênero e por fim as considerações finais.

2.A questão do espaço

O espaço enquanto objeto de estudo da geografia possui diversas correntes filosóficas e metodológicas de pesquisa, desde as mais estritas até as mais subjetivas. O espaço geográfico é resultado das realizações humanas e local destinado a suas interações enquanto sociedade, acumulou diversos significados em sua trajetória por estar em evolução constante. Para Santos (2014a), em cada momento histórico cada elemento do espaço muda o seu papel e a sua posição temporal, que somado as ideias de Kuhn (1962) nos dizem que o espaço é construído a partir dos estados e condições das pessoas como a fome, desejo e o companheirismo. Ou seja, ele não é algo dado ou uma tábula rasa, mas o local de mudanças constantes realizadas por atores dominantes e apropriadas por atores não dominantes. Logo, o espaço é a área de conflitos de narrativas e interesses.

A construção constante do espaço se dá em função da evolução permanente das relações sociais e principalmente econômicas da sociedade, e de como essas interações mudam a paisagem e os lugares. Assim, cada lugar terá características únicas identitárias já que “cada lugar atribui a cada elemento constituinte do espaço um valor particular” (Santos, 2014a). E é a contribuição de cada elemento e a relação que existe que de fato permitem conhecê-las.

Ainda utilizando Santos (2014b), temos que se o desejo da Geografia é interpretar o espaço humano como fato histórico e para isso é necessário aliar o estudo global ao local para de fato haver uma compreensão da realidade social, tendo em vista cada modo de produção. Soma-se isso a como a localização dos indivíduos, das atividades e das coisas se explica pela necessidade externa e interna, desse modo configurando ao espaço um papel privilegiado, como ressalta Santos, “na medida que ele cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre o passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se realizam” (Santos, 2014b, p.120).

Tais ideias somam-se ao que Lefèbvre (2008) pontua sobre a configuração do espaço, no qual ele é a junção de diversas dinamicidades relacionadas ao cotidiano, aos trabalhos econômicos e as relações sociais entre os indivíduos:

“O espaço seria, desse modo, uma espécie de esquema num sentido dinâmico comum às diversas, aos trabalhos devidos, à cotidianidade, às

artes, aos espaços efetuados pelos arquitetos e pelos urbanistas. Seria uma relação e um suporte de inerências na dissociação, de inclusão na separação”. (LEFÈBVRE, 2008, p.47)

Essa diversidade de aplicações do espaço tanto na ótica econômica quanto social é sintetizada por Carlos (2002), quando a autora diz que o raciocínio que envolve o espaço tem o âmbito político por meio da dominação, âmbito econômico que produz o espaço como meio e forma da reprodução, e pelo social por meio da realização da vida cotidiana. E que esses três conjuntos de ação demonstram a dinâmica dos conflitos e contradições da produção do espaço.

Tal entendimento de espaço vai ao encontro do que é proposto nesta pesquisa, no qual a formação política, econômica e social do espaço se relaciona com a memória. Ou seja, compreender como se deu a transformação do espaço a partir da memória do trabalho rural e de como esse tipo de atividade econômica e social foi transformada com o tempo. Mas antes de adentrar em uma discussão em relação ao tema, se vê necessário elencar o que se entende por espaço nordestino com enfoque na Bahia, sobretudo do interior baiano e a sua relação com a questão agrária e urbana, já que, apesar de haver uma ideia de espaço consolidado, é preciso trabalhar com as imagens pré-existentes sobre as regiões, principalmente no Brasil, onde estas se vendem como lucrativas dependendo do período do ano ou do interesse político envolvido.

2.1. Nordeste e São Gabriel, frutos da mesma terra

O Nordeste é uma das regiões brasileiras mais diversas no país, seja pela sua história, pela sua geografia, cultura e vivências. Contudo, essa diversidade se vê muitas vezes generalizada de formas negativas sobre a região, caracterizada muitas vezes como local da seca, da pobreza, miséria, do messianismo e das rebeliões. Ou ainda como local das festas, celebrações, da saudade, do calor e das praias. As imagens construídas do Nordeste são utilizadas de acordo com o interesse, a narrativa a ser construída e o tipo de público que a irá consumir. Albuquerque, Jr (2009), pontua em *A invenção do Nordeste e outras artes* como essa região foi historicamente construída de acordo com o avanço ou retrocesso das políticas e da economia na região, além de como cada setor da sociedade usufruiu das imagens criadas sobre a região.

“[...] ele busca pensar o Nordeste como uma identidade espacial construída em um preciso momento histórico, final da primeira década do século

passado e na segunda década, como produto de um entrecruzamento de práticas e discursos regionalistas. Está formulação, Nordeste, dar-se-á a partir do agrupamento conceitual de uma série de experiências, erigidas como caracterizadoras deste espaço e de uma identidade regional” (ALBUQUERQUE, JR, 2009, p.33)

Essa construção de imagens sobre o Nordeste como dito varia de acordo com os interesses políticos envolvidos, sendo essa uma prática ancestral para a região como ressalta Bernardes (2007), quando esta propõe analisar a constituição do Nordeste desde as capitanias hereditárias até o fim da ditadura militar brasileira. A autora pontua como em cada momento histórico houve um tipo de investimento e expectativa para a região, proporcionando uma região de imagens estereotipadas que generaliza a existência de vários nordestes.

É importante destacar que o “nordeste” enquanto região brasileira é criado em 1930 com a constituição de uma nova regionalização para o país, sedimentada com a institucionalização de órgãos como a SUDENE e o Banco do Nordeste, por exemplo, que reforçam a construção de região pobre em função dos projetos de investimento em dois setores da economia: a agricultura e depois a indústria, caracterizando o que Bernardes chama de “a do tradicional Nordeste agrário-pastoril e a do novo Nordeste, caracterizado pela industrialização pós-Sudene e pelos novos polos agrícolas voltados para exportação de frutas.” (BERNARDES, 2007, p.42). Ainda sobre a criação e a solidificação das imagens acerca do Nordeste, Albuquerque (2009) destaca que

“O Nordeste é um produção imagética-discursiva formada a partir de uma sensibilidade cada vez mais específica, gestada historicamente, em relação a uma dada área do país. E é tal a consistência desta formulação discursiva e imagética que dificulta, até hoje, a produção de uma nova configuração de “verdades” sobre este espaço” (ALBUQUERQUE, JR, 2009, p.62).

O termo em si possui diversas fontes de origens, por meio do uso em livros didáticos entre 1905 e 1950 como apresenta Silva (2012); pelas obras contra as secas desde 1921 como fala Albuquerque, Jr (2009); e pela criação da Sudene em 1959. Mas, de todo modo, a nomenclatura é consolidada em 1968 quando o IBGE assume o termo para a formulação da então divisão regional brasileira. É importante ressaltar que o que unifica os estados que consolidam o Nordeste é a dita “problemática da seca” que, de acordo com Davis (2002), é mais uma política institucional do que de fato um

problema climático exclusivo. Todavia, são mercadorizadas imagens sobre e do Nordeste, saindo da relação subjetiva de signo e representação para mercadoria de consumo como dito por Lefebvre (2008), quando o autor destaca a fetichização das cidades.

A herança agrária nordestina se inicia com a introdução da cana de açúcar na zona da mata, seguida da pecuária nas áreas mais aplainadas voltadas para o interior como forma de ocupar o território, associada no século 18 à exploração de minérios como ouro e diamantes. É de suma importância pontuar que esse avanço ao interior do Nordeste pelas áreas do agreste e consequentemente do sertão se dá com o genocídio ou escravização dos povos originários e pela inserção de população africana escravizada, seja nas fazendas, nos engenhos ou na mineração.

Na área que nos interessa aqui, o estado da Bahia, o local de chegada da invasão portuguesa tem no chão do seu território a história marcada pela colonização e inserção de culturas destinadas à exploração, como a cana-de-açúcar, algodão, cacau, seguidas da introdução da pecuária e da mineração. Sobre a Bahia, há muito escrito, principalmente sobre o litoral, o que gera uma valorização e desvalorização acadêmica das áreas estudadas no estado. Tal dicotomia é questionada por Silva (2011) quando a autora questiona: que tipo de historiografia sobre a Bahia é produzida? Quais são as Bahias que são estudadas? Se formos pelo olhar da literatura de Jorge Amado, como pontua a autora, temos “três Bahias: a da pobreza — o sertão, a de trabalhar — a região cacaueira e a terra da liberdade e da felicidade — a cidade de Salvador” (SILVA, 2011, p.15), o que só reforça o que é dito sobre as imagens construídas sobre o Nordeste, mas agora no âmbito dos estados. Silva, ainda reforça citando Tânia Penido (1993) que devido à falta de estudos sobre o sertão, e considerando a falta de material, é necessário recorrer na maioria das vezes à história oral como fonte de estudos, sendo essa uma das metodologias adotadas nesta pesquisa.

Como o local de estudo se encontra afincado no sertão baiano, é necessário apresentar o processo de exploração do interior baiano que começa a partir de 1800, com a emergência de busca de novas áreas aptas à retirada de recursos, sendo esse sertão entendido como:

“[...] o conceito sertão para vasta área do interior brasileiro, como expressão da pluralidade geográfica, econômica, cultural, numa equiparação à ideia de região, exposta como espacialidade destacada, caracterizada pelas relações sociais de trabalho, condições materiais, recursos ambientais, espécies produzidas, bens comercializados, origens étnicas, manifestações culturais. Tanto na condição de categoria geográfica quanta na perspectiva socioantropológicas e econômica, a categoria sertão se releva polissêmica” (NEVES, 2011, p. 56)

Essa entrada no interior baiano pode ser vista sob diversas óticas, como a partir de Salvador ao interior, ou por meio do rio São Francisco, ou via Goiás e Piauí, sendo todas frentes pioneiras de exploração.

A região do município de São Gabriel, localizada na mesorregião do centro norte baiano, pertenceu a diversas localidades, passando por um processo intenso de fragmentação e unificação dos territórios, tendo em vista a consequente divisão das terras pelo Estado e pelos proprietários dos terrenos.

Sobre essa fragmentação, Reis (2012) descreve que o Sertão de Irecê (macrorregião que engloba o município de São Gabriel) não foi uma área alvo das disputas territoriais por estar às margens desses locais, o que proporcionou uma vivência única para seus habitantes por ter passado por processos específicos:

“[...] o Sertão de Irecê como a dimensão humano-espacial e simbólica que possibilitou a emergência de um modo de vida rural costumeiro sobre o Platô Norte Diamantino entre a segunda metade do século XIX e a década de 1970 (período marcado pela expansão das relações capitalistas no Platô), baseado na apropriação e transformação direta dos recursos da natureza, no uso comum da terra, na policultura e polipequária, nas relações sociais e simbólicas de base comunitária, familiar e de compadrio, na reprodução geracional dos valores, na produção imemorial das formas de trabalho e nas relações sócio-econômicas de provisão”.(REIS, 2012, p.42)

São Gabriel está localizada no Platô Norte Diamantino e tem sua origem nas terras pertencentes à família Guedes de Brito (proprietários de extensas terras na região do Alto Sertão Baiano). De acordo com Rubem (2004 apud Reis, 2012), o início das negociações dessas terras ocorreu em 21 de fevereiro de 1807, quando foi vendido a

Antônio Teixeira Leite e Felipe Alves Ferreira, oriundos de Morro do Chapéu, área chamada Barra de São Rafael.

O processo de arrendamento de terras manteve-se contínuo já que, anos depois do acordo, como exposto pelo mesmo autor, Joaquim Alves Ferreira, Joaquim Gomes Pereira e Domiciano Barbosa Pereira tomaram posse de parcela da Barra de São Rafael, denominado de Lagoa Grande, com intuito de arrendar partes dessa terra. Em 1840, João José da Silva Dourado adquiriu a fazenda Lagoa das Caraybas, ou Brejo das Caraybas, local onde hoje é a cidade de Irecê. É possível identificar as mudanças espaciais na **figura 1**.

No que concerne à nossa área de estudo, de acordo com Oliveira (2004), o local teria sido achado em 1860 por três capitães do mato chamados Atanásio, Calista e Doroteio. A presença desse tipo de elemento na região está associada à busca de pessoas escravizadas — que fugiram do sistema de exploração, sobretudo na área da mineração de metais preciosos na região de Jacobina no início do século XVIII e na Serra do Assuruá no século XIX — e até mesmo de povos originários, já a região era local de residência de indígenas da etnia Tapuia e Payayazes, que resistiram à colonização imposta pela invasão portuguesa.

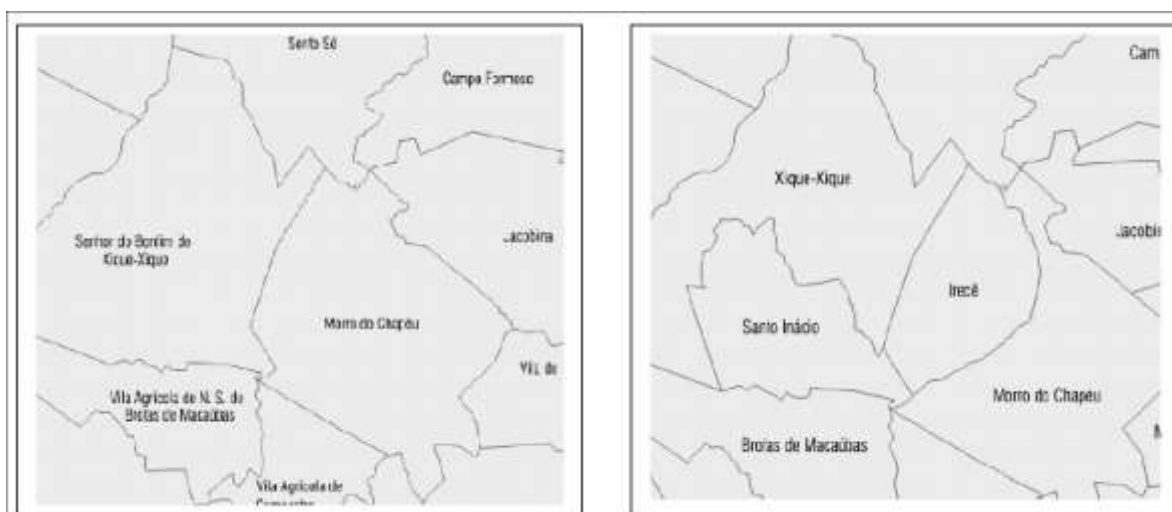


Figura 1. Imagem da esquerda 1 - Divisão político-administrativa do Platô Norte da Chapada Diamantina em 1889; Imagem da direita - 2 Divisão político-administrativa do Platô Norte da Chapada Diamantina em 1940 (Fonte: REIS, 2012).

Tendo em vista tal contexto, o município tem duas frentes de ocupação, destacada por Oliveira (2004): de sul para norte e de norte a sul. Esta última, possivelmente mais remota, na área de fronteira com os municípios de João Dourado e Morro do Chapéu,

era parte desses territórios e atualmente possui comunidades de remanescentes quilombolas, como apresentados na tabela abaixo:

Tabela 1. Comunidades quilombolas certificadas no município de São Gabriel. Fonte: Fundação Cultural Palmares, 2021

Comunidades Quilombolas em São Gabriel								
Município	Código do IBGE	Comunidade	Nº Processo na FCP	Etapas atual Processo FCP	Nº da Portaria	Data da Portaria no DOU	Retificação no DOU	Nº Processo Incra
SÃO GABRIEL	2929255	LAGOINHA	01420.0 03460/2 006-13	Certificada	25/2007	13/03/2007		
SÃO GABRIEL	2929255	CAROAVAL	2929255 01420.0 03823/2 011-70	Certificada	65/2011	11/05/2011		
SÃO GABRIEL	2929255	BOA HORA	2929255 01420.0 06552/2 011-12	Certificada	91/2011	17/06/2011		
SÃO GABRIEL	2929255	BUQUEIRÃO DOS CARLOS	2929255 01420.0 06554/2 011-01	Certificada	91/2011	17/06/2011		54160.001 254/2013- 64
SÃO GABRIEL	2929255	CURRALINHO	2929255 01420.0 06558/2 011-81	Certificada	91/2011	17/06/2011		

Já a ocupação de sul para norte ocorre por conta da Fazenda São Rafael, que era parte do município de Xique-Xique. A propriedade era do Dr. José Alfredo Machado e de sua esposa Dona Ana Joaquina Berta da Rocha Medrado Castelo Branco Machado, que a receberam de herança do Coronel Augusto Ernesto da Rocha Medrado e dona Hermelinda Berta da Rocha Medrado, pais de Ana. Em 1873, eles realizaram uma permuta com José Pereira da Rocha (Zé Cazuzza), morador de Canabrava do Gonçalo (atual Uibaí), trocando a fazenda por um escravo chamado Domingos Cabra. Após a morte de Zé Cazuzza, seus bens foram repartidos entre seus 11 filhos e sua esposa, sendo a propriedade da fazenda São Rafael fragmentada.

De acordo com a escritura e os autos judiciais analisados por Pereira; JP Pereira (2010), a propriedade não tinha muitas benfeitorias, sendo futuramente ocupada pelos casais Lourenço Pereira Rocha e Maria Ferreira dos Santos, e Antonio Pereira Rocha e Hemeregilda Ana da Rocha, configurando assim seus primeiros moradores. Cabe destacar que Hemeregilda e Mariana eram descendentes de portugueses, Alberto Pires Carvalho (fundadores de Tiririca - atual Itaguaçu) e de Marçal Ferreira dos Santos.

Apesar de essa pesquisa não se aprofundar no que condiz ao processo de formação e assentamento das comunidades de remanescentes quilombolas ou aos povos originários, é de suma importância marcá-las como parte formadora do espaço e da história de São Gabriel, já que muito das referências historiográficas da região expõe o lado europeu da história e apenas sinaliza a existência de uma história formada por pretas e pretos na região. Trazer à luz tal condição é pôr em prática o que ADICHIE (2019) fala sobre o perigo de uma história única, quando diz que: “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só, sem parar, e é isso que esse povo se torna” (p.12, 2019). Esse novo olhar para pesquisa, apesar de recente, já se apresentava em pauta como exposto por Gonzalez (1988), quando a autora questiona os enfoques de estudos culturais brasileiros tanto na ótica do consciente como do inconsciente:

“Trata-se de um olho novo e criativo no enfoque da formação histórico-cultural do Brasil que, por razões de ordem geográfica e, sobretudo, da ordem do inconsciente, não são bem a ser o que geralmente se afirma: um país cujas formações do inconsciente são exclusivamente europeias, brancas “ (Gonzalez, 1988, p.69)

Ou seja, é necessário fazer uma análise a partir da raça, ainda mais em um município cujo estado possui a maior quantidade de pessoas pretas residentes. Na própria cidade, de acordo com o censo de 2010, cerca de 73% da população são gabrielense se considera negra ou parda⁴.

Só considerando os dados referente à raça com qual a população se identifica, temos elementos que precisam de outro tipo de versão sobre a formação sócio-espacial do município e o fim da sua invisibilidade, já que existe um número maior de pessoas negras do que de pessoas brancas; ou seja, não estamos falando de uma ocupação exclusivamente europeia e branca na região. A existência dessas comunidades alimenta o questionamento sobre a historiografia padronizada da região, já que, desde a Constituição de 1988 e do artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias, os quilombolas têm assegurados seus direitos de pertencimento ancestral ao território.

⁴ De acordo com o censo 2010 temos 0,4% se identifica como amarela (cerca de 77 pessoas), 26,54% como brancas (cerca de 4904 pessoas), 0,05% como indígena (cerca de 10 pessoas). E que 73% se identificam como negras ou pardas (11773 pessoas como parda e 1663 como pretos)

É importante pontuar que existem controvérsias e problemáticas em relação à forma como ocorre a certificação, já que é necessário a comprovação de ocupação desde 1888, presença de documentação histórica, etc. Mas este não é o ponto a ser discutido aqui, já que o que frisamos é que há uma presença negra quilombola na região que é apagada da historiografia, ou é apenas citada em muitos trabalhos sobre a região que, contudo, é considerada apenas sob a perspectiva agrária de ocupação do solo.

Porém, considerando o elevado índice de população preta e parda no município, 5 comunidades quilombolas soam como insuficientes para a área. Todavia, ao analisar a estrutura fundiária do município, percebemos que existem cerca de 58 comunidades rurais (**Tabela 2**), podendo demonstrar que a estrutura agrária talvez seja mais complexa do que parece, pois, como pontua Arruti:

“Muitas vezes não é possível recorrer a uma memória já estabelecida para justificar o território, mas ao contrário, é só a partir da descrição do território e da sua exploração que se passa à recuperação de histórias já esquecidas, ou à atribuição de novos lugares para histórias tradicionais. Outras vezes, essa memória existe apenas como parte discreta das percepções de mundo mais profundas e íntimas do grupo não se manifestando, seja num caso ou no outro, por meio de qualquer forma narrativa imediatamente disponível (ARRUTI, 1999, p.6-7).

Tabela 2. Lista das comunidades rurais de São Gabriel. Fonte: PEREIRA; JP PEREIRA (2012)

Comunidades rurais do município de São Gabriel					
Caldeirão de Florindo	Baixão dos Horonatos	Esplanada	Mangaratiba	Alto Bonito	Sacrifício
Lagoa Nova	Variante	Junco	Manga	Baixão do Zuma	Umbuzeirão
Alto de Quidinho	Besouro	Boi Peba	Ilha	Lagoa Nova de Abílio	Eureca
Jurema	Pitil	Boqueirão dos Lopes	Enedinos	Lagoinha	Boa Hora
Queimada	Baraúna	Boqueirão do Guilhermino	Curralinhos dos Teixeiras	Lagoa Grande	Batateira dos Mangabeira
São José	Tábua do Moinho	Boqueirão dos Carlos	Curralinho	Lagoa do Meio	Batateira de Liolino
Alto da Jurema	Novos Bandeirantes	Boqueirão de Passo	Jaguaracy	Carrapicho	Batateira dos Santos
Diamantina	Esconde	Triângulo	Gamaleira do Jacaré	Lagoa de Fora	Várzea da Pedra
Tanque Novo	Paraíso	Boqueirão de Ezequiel	Quixabeira	Mandacaru	-
Guarani	Caroazal	Massapé	Caldeirão do Viado	Itapicuru	-

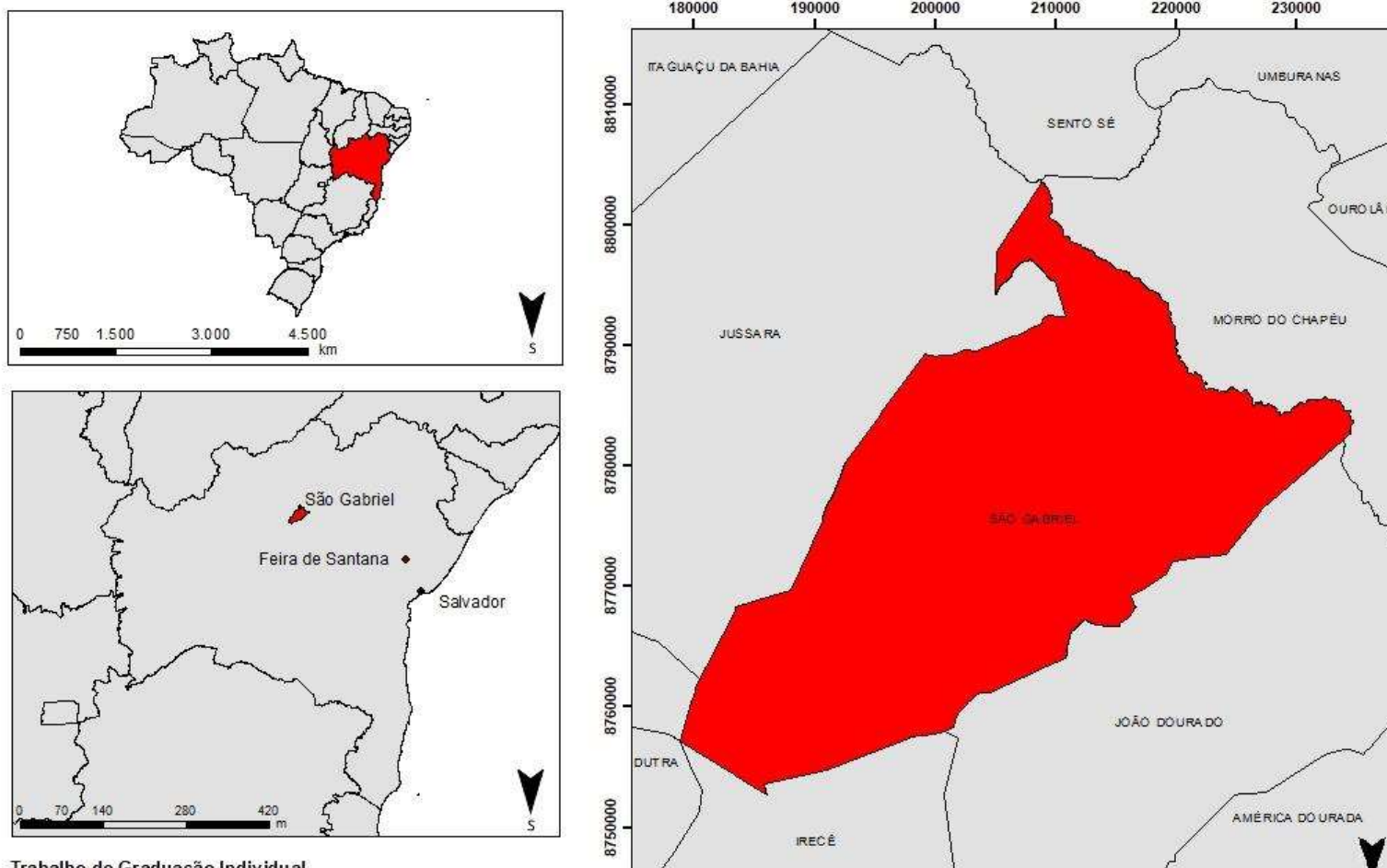
Por fim, tendo em vista os diversos elementos apresentados, temos que a configuração socioespacial de um território não pode ser analisada e explicada apenas sob uma única ótica, ainda mais quando se tem uma variedade de narrativas que são historicamente silenciadas. É necessária uma constante revisão e adoção de outros modos de se contar e analisar dados, sendo de suma importância destacar que não existe uma verdade única, mas uma variedade de narrativas. No que condiz ao espaço geográfico, o palco das ações, é dito por Santos que:

“Nesse processo de conhecimento, o espaço tem um papel privilegiado, na medida em que ele cristaliza os momentos anteriores e é o lugar de encontro entre o passado e o futuro, mediante as relações sociais do presente que nele se realizam” (SANTOS, 2005, p.120).

Desse modo, precisam estar presentes constantemente nas pesquisas questionamentos sobre os modos de pesquisar e analisar para que de fato a produção geográfica condiga com o que está disposto na paisagem na atualidade, compreendendo os fenômenos do passado.

No que condiz a suas características físicas, o município de São Gabriel está localizado na mesorregião do centro norte baiano e na microrregião de Irecê, situado a 478 km da capital do estado Salvador. São Gabriel possui baixo índice populacional, com uma população de 18.427 habitantes e densidade demográfica de 15,36 hab/km², de acordo com o censo do IBGE de 2010. A cidade está situada a 729 metros de altitude e está delimitada na coordenada 24 L 185869.13 m E 8757254.85 m S em uma unidade territorial de 1.146,054 km², como é possível observar no **Mapa 1**. (IBGE, 2020).

Localização do município de São Gabriel - BA



Trabalho de Graduação Individual

Mapa 1. Localização do município de São Gabriel. Fonte: IBGE, 2018. Elaboração: Thais Rocha, 2020

Mapa 2. Localização do município de São Gabriel. Fonte: IBGE, 2018. Elaboração: Thais Rocha, 2020

De acordo com a INEMA — Instituto do Meio Ambiente e Recursos Hídricos —, São Gabriel está localizada na Bacia Hidrográfica Verde-Jacaré, tendo como rios principais: Rio Verde, Riacho do Santo Eusébio, Riacho Lagoinha, Rio Guariba, Rio Jacaré, Riacho do Mari, Riacho do Meio, Riacho das Pedras, Riacho Brejo das Minas e o Riacho do Baixão (este cortando o município, como é possível ver na **Figura 2**, proporcionando o abastecimento do Aquífero de Irecê Cárstico.

No que condiz a estrutura geológica-geomorfológica, a cidade está situada no Planalto de Irecê, integrante do compartimento do relevo da Chapada Diamantina com vegetação do tipo caatinga entremeada a áreas de cultivo, abrangendo todo o polígono das secas. O clima da região é caracterizado por semiárido com chuvas anuais de 600 mm (INEMA, s/d). Cabe pontuar que as características físicas do município serão abordadas adiante sob o olhar da paisagem, competindo aqui apesar uma sucinta apresentação.



Figura 2. Vista aérea do município de São Gabriel. (Fonte: Google Earth, 2020)

Quanto à história recente de São Gabriel, considerando aqui o período pós fragmentação da propriedade pelos filhos de Zé Cazuza, temos a consolidação de uma área destinada à agricultura, sobretudo a de subsistência e a pluriatividade, como reforça Oliveira (2015).

Durante todo o período que foi fazenda, a região era pertencente a Xique-Xique, como já exposto acima. Em 2 de agosto de 1926 ocorre a emancipação política de Irecê e a antiga Fazenda São Rafael passa a ser um povoado do novo município. Em 1931, com o decreto 7.479, toda área de Irecê é anexada a Morro do Chapéu, invalidando a emancipação de 1926 que foi revogada em 1933 com o decreto 8.435.

A vila de São Gabriel possuía representatividade em Irecê em função da agricultura, pecuária e do comércio, além da eleição de vereadores. Durante o período em que foi povoado de Irecê, foi criado o Cemitério que, de acordo com JL Pereira; Pereira (2010), não se tem a data exata de construção, além da criação da Feira Livre em 1928 (**Figura 3**) e a estrada do Feijão – BA 052 em 1950. Sobre esta, é importante destacar que sua intenção era ligar a cidade de Mundo Novo a Xique-Xique, passando por dentro da Vila de São Gabriel, mas os proprietários Zé Carneiro e Ladislau José de Brito interviram, já que uma estrada de rodagem mudaria o cotidiano pacato de São Gabriel. Com a alteração na Vila do Canal, a estrada desceu e beneficiou a cidade de Irecê, atualmente uma cidade média de grande influência para a região da Chapada Diamantina. Só em 1982, com a construção de um contorno, que São Gabriel se liga à estrada do Feijão.



Figura 3. Feira de São Gabriel por volta de 1940. Sem autor

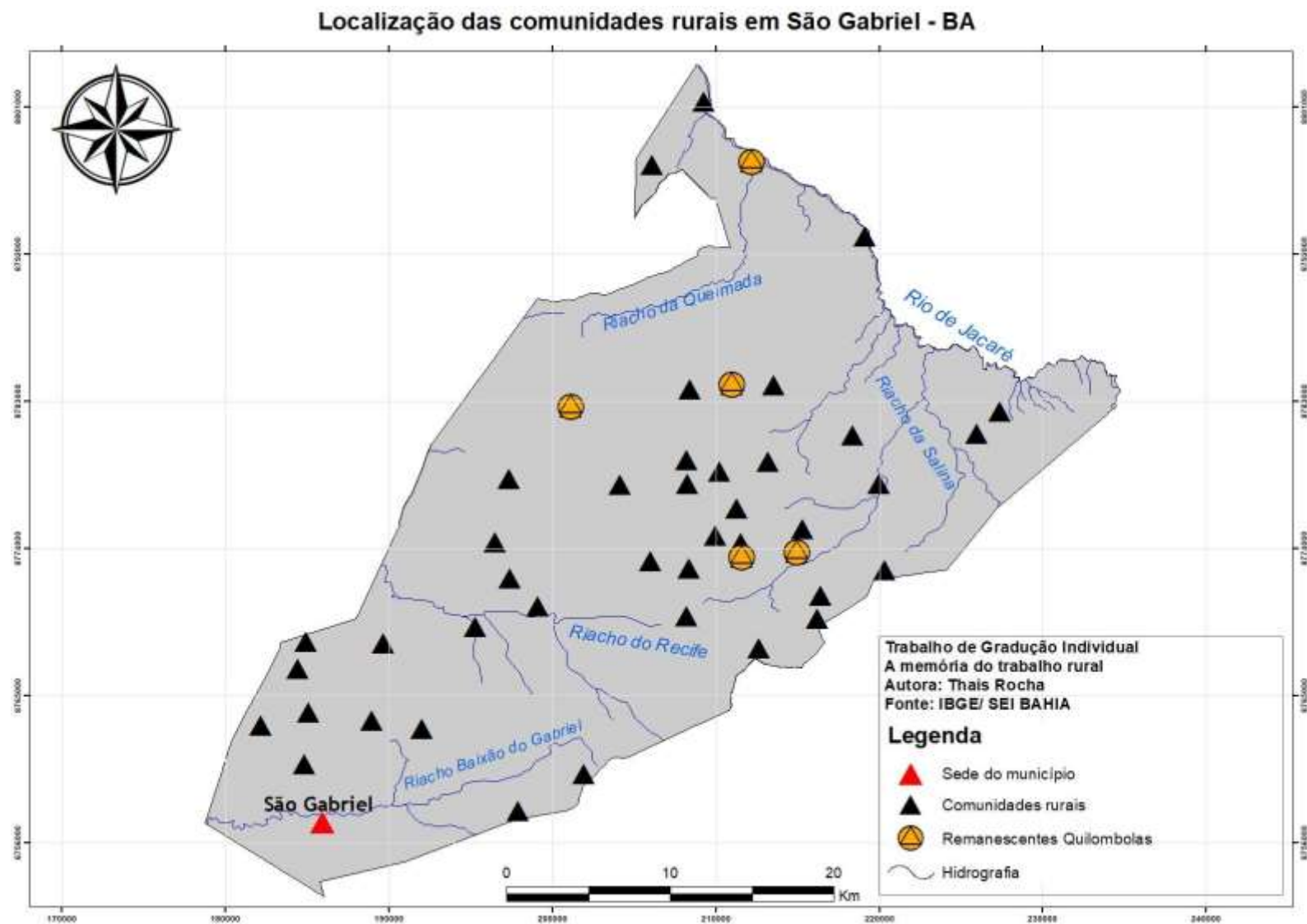
Em 1978 o deputado estadual Edvaldo Santos Lopes apresenta um projeto de lei para criação do município de São Gabriel que após percalços políticos e burocráticos consegue realizar um plebiscito, emancipando São Gabriel à categoria de município em 16 de janeiro de 1985, tendo a configuração disposta no **Mapa 2**

Apesar de estar distante das grandes capitais, a região não deixou de ser palco de momentos marcantes da história nacional, sendo uma muito consolidada na memória dos moradores de São Gabriel e pela presença de remanescentes arqueológicos (**Figura 4**) a passagem dos “revoltosos” por suas terras. Os “revoltosos” eram a Coluna Prestes, que chegou à região por volta de 1926, arrasando e assaltando propriedades. Houve também a premissa chegada de uma turma de cangaceiros no mesmo ano, que foi impedida em Morro do Chapéu, dentre outros fatos e acontecimentos regionais.



Figura 4. Brasão das Armados dos Estados Unidos do Brasil de 1889, usado possivelmente pela Coluna Prestes. Autora: Thais Rocha, 2020

Considerando tudo o que foi exposto referente à formação de São Gabriel, segue a proposta metodológica de pesquisa e a continuidade das análises realizadas.



Mapa 3. Localização das comunidades rurais e quilombolas no município de São Gabriel. Fonte: IBGE/ SEI BAHIA, s/d. Elaboração: Thais Rocha, 2021

3. Procedimentos técnicos-metodológicos da pesquisa

A organização da pesquisa foi realizada para analisar a formação geográfica da região do território de identidade de Irecê, abarcando o município de São Gabriel. O intuito é traçar a linha do tempo do município, a partir da memória dos moradores da sede do município, tendo em vista a complexidade da formação sócio-espacial do contexto e o trabalho rural. O uso da memória nesse sentido vem para tecer laços e até talvez ressignificar as ligações com o passado como forma de sustento da identidade, como destaca Krenak (2020) quando fala que “Se as pessoas não tiverem vínculo profundos com sua memória ancestral, com as referências que dão sustentação a uma identidade, vão ficar loucas neste mundo maluco que compartilhamos (KRENAK, 2020, p. 14)

O uso da memória nesse sentido será a principal fonte de informações da pesquisa que muitas vezes foi corroborada por dados e informações escritas, valorando a memória dos moradores. Para tanto, é necessário construir o embasamento sobre o tipo de entendimento de memória que estamos trabalhando, ainda mais no que condiz ao trabalho rural. Desse modo, a fim de responder às questões norteadoras de quais são as memórias em relação ao trabalho rural e quais foram as transformações que o município em relação a esse trabalho sofreu, a pesquisa foi dividida em duas etapas, sendo elas:

1º etapa – Construção socioespacial de São Gabriel:

- Compreender a formação estrutural da região de São Gabriel, sobretudo no que condiz a ocupação humana;
- Análise da ascensão e decadência da agricultura na região.

2º etapa – Memória e trabalho:

- Revisão bibliográfica acerca do conceito de memória e a sua relação com o trabalho;
- Organização de entrevistas e análise mediante à construção do entendimento de memória proposto.

Cabe destacar que em ambas etapas foram realizados mapeamentos e trabalhos de campo. A intenção era ir duas vezes a campo no município de São Gabriel, sendo o

primeiro campo para realizar as entrevistas e o segundo para reconhecimento da paisagem nas áreas de roçado. Todavia, mediante a pandemia ocasionada pela Covid-19, só foi possível realizar o primeiro, que ocorreu em março de 2020, antes do início das restrições sanitárias. O segundo campo acabou sendo cancelado, e foi adotada a perspectiva do espaço lembrada pelos entrevistados durante a conversa.

Considerando a primeira ida a campo, foram realizadas 15 conversas com agricultores rurais com idade entre 70 a 90 anos e que viveram na região a maior parte de suas vidas, dependendo sobretudo da agricultura. Ou seja, os entrevistados viveram o período de ocupação do município e passaram pelas principais mudanças econômicas e políticas da região e do país. Contudo, devido à imensa demanda de entrevistas realizadas, foi selecionada apenas uma para ser apresentada nesta pesquisa, a do casal Janice Leolina e Juarez José de Brito⁵ (**Figura 5**), em função das informações apresentadas durante a conversa, na qual foi possível observar e identificar a pluriatividade da família e as contradições de gênero. Outro aspecto relevante foi o de o senhor Juarez ser Vaqueiro (umas das principais figuras valorizadas nas pesquisas em agrária no Brasil), mas neste caso demonstrando os conflitos de discurso no âmbito da vida agrária e familiar.



Figura 5. Dona Janice e seu Juarez. Foto: 2021. Autoras: Charlene e Carolina Brito

⁵ As entrevistas restantes serão utilizadas em trabalhos futuros sobre a temática aqui em interesse.

É importante pontuar que esse é um trabalho geográfico que se inspira na História Oral como forma de angariar conteúdo e ótica humana à pesquisa científica, já que o momento da conversa — da entrevista propriamente dita — teve como propósito não apenas saber o que foi o passado, mas como ele se dá na atualidade, assim como Alberti (1996) pontua quando diz que “a história oral permite não apenas compreender como o passado é concebido pelas memórias, mas principalmente como essas memórias se constituíram” (p.9).

Ainda sobre as entrevistas, cabe pontuar que para sua aplicação foi organizado um roteiro com perguntas norteadoras que serviram como base durante a conversa. A intenção era realizar um bate-papo livre, no qual os entrevistados se sentissem confortáveis em falar sobre o trabalho na roça, conflitos de terra, questões pessoais, etc. Foi seguido o que é proposto por Harres (2008), quando a autora destaca que na lógica da História Oral a intenção é compreender como a recordação se dá e, para que isso possa ocorrer de modo mais fluido, não se recomenda um roteiro de perguntas fixas:

“Em história oral, dificilmente trabalhamos com um quadro de perguntas fixas, isso porque o interesse é estimular o processo de rememoração, o qual tem um fluxo próprio que inclui cadeias de associações reveladoras da lógica interna do depoimento. Recomenda-se não propriamente uma entrevista, mas uma conversa livre em que a pessoa é convidada a falar de um assunto de interesse comum. Um guia ou um roteiro deve servir para indicar os temas que deverão ser abordados durante a entrevista, mas não significa que o pesquisador vá interferir a cada passo lembrando esses aspectos. Trata-se de um trabalho de organização da experiência vivida que é reconstruída pelo entrevistado, e a qual o pesquisador espera poder compreender” (HARRES, 2008, p.108)

Outra adoção metodológica em relação à entrevista com o casal de agricultores foi que, durante o processo de transcrição da 1h30m de conversa, foram mantidas integralmente todas as variações linguísticas, expressões, pausas e modos de falar do casal. Tal medida dá-se em função da diferença existente entre a língua falada e escrita, e da relação estabelecida entre o entrevistado e o entrevistador, sendo essas

duas formas de produção e registro histórico, sobretudo pelo fato que a língua e a fala são instrumentos de poder e de representação social (Pretti, 1999).

Apesar de não poder realizar o segundo trabalho de campo, foi possível durante a primeira expedição a realização de derivas pela sede do município e pela cidade de Irecê, proporcionando reflexões e *insights* acerca da pesquisa, o que ajuda a compreender a formação do território em questão.

Em relação ao levantamento de dados e pesquisa bibliográfica, foram utilizados bancos de dados dos órgãos de planejamento rural INCRA e SEI BAHIA, depositórios de dissertações, teses de Universidades (principalmente as situadas no Nordeste), além do uso de bibliografia clássica acerca dos temas estudados.

É importante destacar que foi buscado e utilizado ao máximo nesta pesquisa o uso de autores regionais com a intenção de valorizar a produção científica nordestina e ressaltar o local de fala desses autores.

Os tópicos que seguem adiante são referentes à estruturação do entendimento de memória e a sua relação com o trabalho rural no município de São Gabriel.

4. A memória do trabalho na terra do feijão

Como já dito, o município de São Gabriel está localizado no sertão baiano e todo seu território é um dos integrantes do polígono da seca nordestina (**Figura 6**).

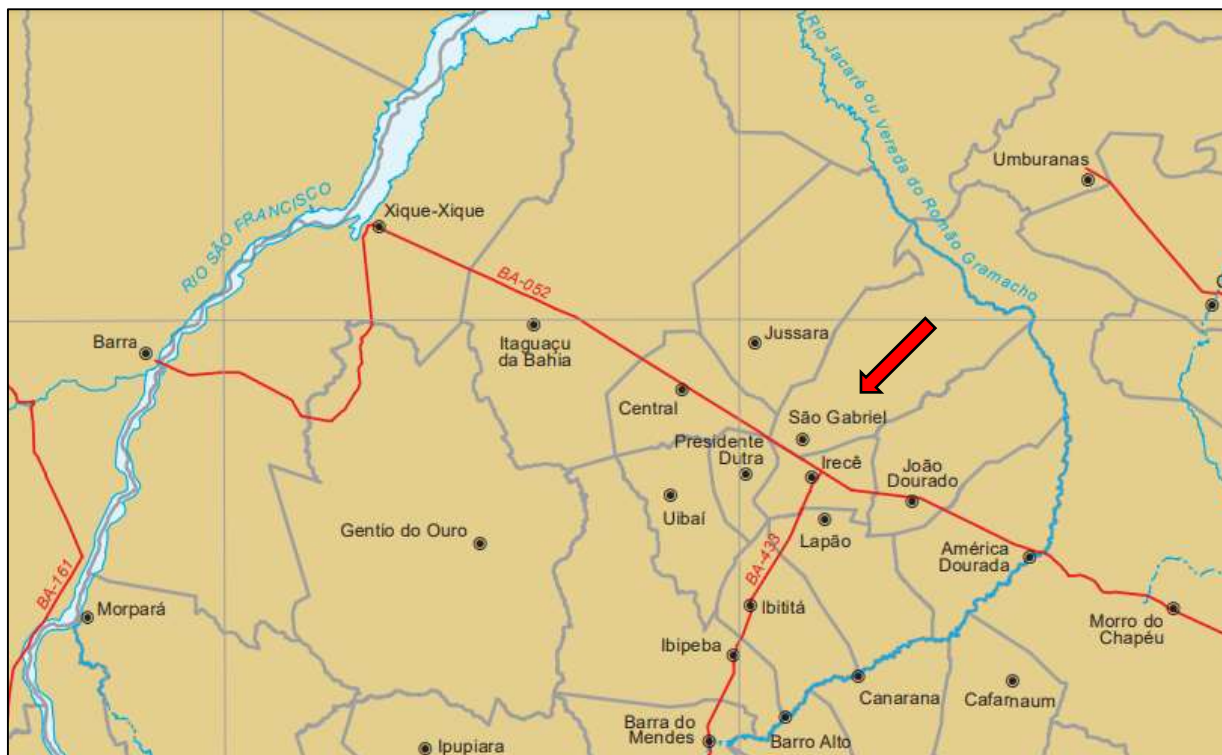


Figura 6. Recorte do mapa do polígono da seca no Nordeste. Fonte: SEI - BAHIA, 2019

A existência de secas extensas e periódicas na região proporcionaram uma ocupação no espaço são gabrielense no qual é preciso saber lidar e aprender com a paisagem da seca (período de estiagem) e verde (período de chuvas) da caatinga. Mas como diria um líder de comunidade na região de Caitité na Bahia: “a gente tem de entender que a caatinga é mais inteligente que a gente, e o povo não entende, que ela fica seca é porque se guarda pra quando chover e ficar tudo verdinho”. Seguindo essa linha de raciocínio, o ponto de compreensão aqui é analisar como essa população resistiu e venceu dificuldades climáticas que foram intensificadas por questões econômicas e as mudanças na paisagem.

Nesse sentido, o poder da memória, sobretudo da população idosa, vem como forma de reafirmar a resistência e a força da população sertaneja no sertão, ainda mais quando temos em vista que a memória é um processo seletivo, no qual aquilo que mais dói, aflige ou que é feliz e enriquecedor é que permeia nossas mentes. E quando

trabalhamos esse tipo de memória em um contexto associado ao trabalho rural e a introdução do sistema neoliberal na agricultura, temos que essas recordações do passado servem para questionar a história dita oficial, assim como Bosi (1994) pontua:

“[...] a memória não é oprimida apenas porque lhe foram roubados suportes materiais, nem só porque o velho foi reduzido à monotonia da repetição, mas também porque uma outra ação, mais daninha e sinistra, sufoca a lembrança: a história oficial celebrativa cujo triunfalismo é a vitória do vencedor a pisotear a tradição dos vencidos” (BOSI, 1970, p. XIX)

E que no caso da memória, apesar de subjetiva, no sentido de não se poder tocá-la ou manejá-la, se categorizando no que entendemos como patrimônio imaterial, temos na paisagem da cidade a representação física dessa memória. Porém, esse suporte físico da memória está desaparecendo e sendo substituído como no caso das formas de moradia do município, na qual as casas de adobão e adobe estão sendo substituídas por casas de blocos de tijolos e cimento, como pode se observar nas **Figuras 7 e 8**.



Figura 7. Comparação nos tipos de moradia na sede do município em São Gabriel. Casa de adobe ao lado de uma construção mais recente. Fonte: Thais Rocha, 2020



Figura 8. Remanescentes de casa de adobe na sede do município de São Gabriel. Fonte: Thais Rocha, 2020

A alteração da paisagem com a substituição dos tipos de construção de adobe para alvenaria, muitas vezes feitas pelos próprios moradores, representa uma mudança econômica positiva para a população, já que as antigas construções estão com danos estruturais graves por conta do tempo e da falta de manutenção.

E: Quando vocês se casaram, já mudaram para essa casa?

Juarez: Aluguei uma casa de Pedro Zibido. Com oito meses fiz o adobe dessa casa e paguei pra construir. Eu e ela (*Janice*) paguemo um vei e uma veia, mais veio que nois, pra carregar o barro. E paguei o mesmo pedreiro pra apaiar. Pesava 15 kg o adobe, junto com cumpadre Saul. Aquela casa de cumpadre Saul foi feita no mesmo tempo que a minha, o mesmo pedreiro, é o de compadre Pedrão. (Juarez José de Brito, entrevistado por Thais Rocha, 2020).

Apesar das casas de autoconstrução serem desvalorizadas economicamente, por serem mais simples que as casas de blocos e cimentos, elas são a instituição física de conhecimento, técnica e saberes das formas de morar na região, pois é necessária compreensão do tipo de solo e das ligas que se faz para a construção dos tijolos de

barro, a sua erguição e o apariamento das paredes, dentre tudo que é necessário para poder levantar a edificação.



Figura 9. Fachada das casas, sendo à esquerda de Dona Janice e Juarez, a direita de Saul Liolino e Aldagiza Rocha. Autores: Thais Rocha, Charlene e Carolina Brito, 2020-2021

E: E como faz o adobo⁶?

Juarez: Nois cavucava, carregava água de lá na adorna, moía com água, pisa de pé, bem pisadinho e põe na forma e faz o adobe. A terra foi daqui onde é a casa de Charlene. A casa de meu pai que foi grande, quase 3.500 adobe. O nosso não queimava. Um mês fazia uma casa. E de noite os porcos eram soltos e desmanchavam os adobes (Juarez José de Brito, entrevistado por Thais Rocha, 2020).

E: E porque fazia de adobão e não de adobinho?

Juarez: Porque não tinha e nois tinha pouco dinheiro. E o nosso era melhor porque era bem amassadinho e com estrumo de gado. E pra parear era com estrume de gado (Juarez José de Brito, entrevistado por Thais Rocha, 2020).

Ou seja, para além da memória, nós adentramos também na ótica das referências culturais e como essas são formadoras da memória e do presente dessa população. Aqui entendemos referências culturais como Londres (2000), as quais são conjuntos de saberes, manifestações culturais, as formas de ocupação no espaço e etc.

“Trata-se de levar em conta um ambiente, que não se constitui apenas de natureza - vegetação, relevo, rios e lagos, fauna e flora, etc. - e de um conjunto de construções, mas, sobretudo, de um processo cultural - ou seja, a maneira como determinados sujeitos ocupam esse solo, utilizam e valorizam os recursos existentes, como constroem sua história, como

⁶ Adobe consiste em um tijolo feito de terra com água compactada manualmente, colocada em fôrmas de madeiras para secagem. Em alguns casos é adicionado areia e cal. (CAMPOS, 2019)

produzem edificações e objetos, conhecimentos, usos e costumes”.
(LONDRES, 2000, p. 113)

Tendo tal ponto como parte da nossa análise, temos que as referências culturais em conjunto com a memória formam um conjunto de bens integrantes do Patrimônio Cultural Regional. Bem, é importante pontuar que a nomeação aqui dada não é uma outorga, vista a partir de uma pesquisa, mas sim uma sinalização obtida após diálogos e conversas, pelas quais outros entrevistados demonstraram sentimentos por esses saberes e edificações. E cabe ressaltar que a eleição do patrimônio cultural precisa ser feita de forma dialógica e horizontal, em que a população que se identifica seja de fato representada e não que ocorra uma eleição verticalizada sobre o que é patrimônio.

Levando esse mesmo raciocínio para a ótica do trabalho rural, muito se tem como definição para essa forma de trabalho; no campo de estudos agrários existem diversos ramos de pesquisa que abordam a agricultura sob o modo capitalista de produção, como Oliveira (2007), que faz uma análise da agricultura sob a expansão do capitalismo monopolista ao concorrencial a partir da ótica do campesinato.

A adoção do campesinato como conceito relacionado à formação de uma classe de trabalho, assim como o proletário, traz a perspectiva dialógica para o campo, por considerar todo o contingente de agricultores como uma classe igualmente explorada pela desigualdade e a contradição da reprodução de modo capitalista. Além disso, põe em vista a prática da união familiar como cerne do trabalho, modo esse de trabalho que é afetado pela expansão do monopólio e do latifúndio.

O autor pontua em sua pesquisa como a lógica da produção e reprodução do sistema capitalista deriva primeiramente da produção de mais valia e, em segundo plano, da mercadoria, e como essa lógica age por meio da contradição e da desigualdade. Para o caso do campesinato e conseqüentemente da pesquisa aqui abordada ocorre a apropriação do trabalho e das propriedades rurais para investimento e expansão do sistema capitalista na região por meio da agricultura.

Ou seja, a expansão da região em polo agrário se deu por conta da existência de uma rede de propriedades pequenas e médias erigidas pelo trabalho familiar, o que diminuiria os custos de produção, além do uso da mão de obra familiar. E a desigualdade estaria associada à produção e hierarquização de funções, práticas e até cidades, gerando um discurso de evolução e modernização.

Essa desigualdade por ser vista por estruturas tanto subjetivas quanto físicas, ou seja, tanto pela disposição de recursos, valorização e investimentos nas colheitas, quanto por objetos físicos, maquinários ou monumentos como da **Figura 10**.



Figura 10. Monumento na Praça do Feijão em Irecê Fonte: Viera, 2013.

As produções dessas desigualdades são processadas por meio da justificativa da modernização do campo, que na verdade estão mais para modernização conservadora, já que no território trabalhado foi aproveitada toda a rede pré-existente, como já dito. Ou seja, a intenção não era realizar grandes mudanças e intervenções, mas apenas mudanças pontuais como a inserção de crédito bancário, incentivo agrícola, etc.

E: Teve uma época que começou a ter mais trator?

Juarez: Teve uma época que o que mais tinha, hoje já não tem. Na época de colheita a gente nem dormia com a zoadá de trator. Na hora da planta, do mesmo jeito. Hoje já nem escuta. (Juarez José de Brito, entrevistado por Thais Rocha, 2020).

E: Vocês tiveram trator?

Juarez: Não, era caro e meu pai não comprava fiado. O povo comprava o fiado, e ia pagando as prestação. Meu pai não queria ficar devendo e não comprava. O banco emprestava. Não sei mais em que ano era (Juarez José de Brito, entrevistado por Thais Rocha, 2020).

Situação essa exposta que confirma o que é dito por Rubem (1997) apud Oliveira (2015), quando o autor sinaliza sobre a posse de maquinário na região:

“[...] na década de 1970, havia na região 1 trator para cada 306 pessoas em atividade agropecuária. E, em todo o Estado da Bahia, havia 1 trator para cada 1.156 pessoas em atividade agropecuária, mostrando assim o alto índice de tratorização na região de Irecê” (RUBEM, 1997, p. 207 apud Oliveira, 2015) ”

É importante destacar que essa modernização conservadora ocorre no país como um todo por meio da Revolução Verde, através da qual houve avanços técnico-científicos na produção agrícola. No entanto, sem alterar a estrutura fundiária brasileira. Há integração da economia brasileira à rede mundial, por meio da exportação de commodities usando uma base pré-existente e possível de explorá-la.

Para a região de São Gabriel, essa integração ocorre por meio de implementação de estruturas físicas, como pontua Oliveira:

“Para que ocorra a integração entre a agricultura familiar e o capital nacional e internacional no Território de Identidade de Irecê, e mais especificamente no município de São Gabriel, as ações do Estado e dos bancos foram fundamentais: a construção de vias de acesso e escoamento da produção agropecuária territorial; de infraestruturas produtivas; incentivo ao fortalecimento de um mercado nacional de consumo de gêneros alimentícios por meio de tabelamento de preços, do feijão; e, principalmente, disponibilidade de créditos a juros baixos, para financiar a produção e comercialização dos produtos agrícolas.”(OLIVEIRA, 2015, p.55)

Apesar de estar no processo de decadência e mudança urbana impulsionada pela construção de residências, ainda existem e estão em funcionamento os chamados “depósitos das colheitas”, como o da **Figura 11**. Um fato interessante de abordar é que essas edificações exclusivas para o armazenamento das colheitas se dão para produtores que tinham alta produtividade/maiores propriedades. Grande parte da população armazenava suas colheitas em cômodos específicos da casa, áreas que eram destinadas à guarda dos instrumentos de trabalho.



Figura 11. Depósito da colheita na sede de São Gabriel. Autora: Thais Rocha, 2020

O crédito agrícola oferecido era proveniente do Sistema Nacional de Crédito Rural – SNCR, com intenção de oferecer empréstimos a médios e grandes proprietários. O que prejudicou diversos pequenos proprietários que não tinham acesso ou que não se arriscavam a pedir ao banco, como a família de seu Juarez.

“A grande maioria dos agricultores familiares, notadamente os pequenos proprietários, arrendatários, parceiros e meeiros, cujas condições de acesso a terra eram precárias, não foi atendida pelo crédito rural oficial” (HESPANHOL, 2007, p. 274 apud Oliveira 2015)

Situação essa que foi amenizada pelo PRONAF em 1996, quando propriedades com até 4 módulos fiscais teriam acesso a subsídios. Oliveira (2015) em sua pesquisa apresenta uma sequência temporal lógica sobre os processos de aumento de investimento na agricultura são gabrielense. De acordo com o autor com o uso de Duarte (1963), a região de Irecê foi uma das áreas selecionadas pelo Estado e pelo capital para ampliar o processo de modernização brasileira, sendo assim denominada “uma área agrícola insulada no sertão baiano”, já que a região era produtiva em feijão, milho e futuramente na mamona⁷.

Esse processo levou a mudanças pontuais na estrutura agrária, como já pontuado, mas afetando substancialmente a vida dos agricultores de pequeno porte por conta

⁷ O feijão e o milho por serem grãos estabelecidos na produção regional e a mamona para aproveitamento do mercado internacional que surgiu no pós Segunda Guerra Mundial

da mudança da agricultura de subsistência familiar, com uso de engenhos artesanais (**Figuras 12 e 13**) para uma produção industrial comercial. De acordo com o autor, essa prática visou o aumento do trabalho, o que leva à necessidade de mão de obra que foi suprimida pela construção das estradas de rodagem interligando a região ao restante do país.

E: Vinha muita gente de fora pra trabalhar?

Juarez: Ó, vinha gente de Ipirá, de Xique Xique, queria que você visse, no tempo da campina vinha muita gente de Ipirá. Aqui tinha um marido que tinha fazenda em Santa Rita e num tempo desse ia buscar os peão em Xique Xique. Zé que é ti ali de de Dozinha ia buscar o povo em Xique Xique, porque lá não tem roça. (Juarez José de Brito, entrevistado por Thais Rocha, 2020).



Figura 12. Cana de açúcar sendo moída no motor de Trator. Autor e data: desconhecido. Fonte: Acervo pessoal de Brasilidis, s/d.



Figura 13. Tachos no engenho de cana de açúcar. Autor e data: desconhecido. Fonte: Acervo pessoal de Brasilidis, s/d.

E: Nunca pensaram em sair daqui?

Juarez: eu não, nunca pensei, e nem tenho vontade de sair. Só no dia que me levarem pro cemitério. Um tempo eu pensei, mas Janice não me acompanhava e num fui. Pensei em ir ali pra recife de Jussara. De passei ainda fui no Rio de Janeiro. Podia ter passeado mais, mas quando vim já tava veio. Passei 5 dias. (Juarez José de Brito, entrevistado por Thais Rocha, 2020).

Janice: eu não, porque eu acho bom aqui. (Janice Leolina, entrevistada por Thais Rocha, 2020).

O conjunto de ações realizadas pelos governos federais e estaduais na remodelação do espaço agrário de toda região que compreende o território de Irecê⁸, além da inserção de bancos como o do Brasil e o do Nordeste, ficou conhecido como Operação Irecê.

⁸ O território de Irecê abarca cerca de 20 municípios sendo eles: América Dourada, Barra do Mendes, Barro Alto, Cafarnaum, Canarana, Central, Gentio do Ouro, Ibipeba, Ibititá, Ipupiara, Irecê, Itaguaçu da Bahia, João Dourado, Jussara, Lapão, Mulungu do Morro, Presidente Dutra, São Gabriel, Uibaí e Xique-Xique

Todavia, a partir dos anos 90 esse sistema de produção começou a entrar em decadência e, de acordo com (Oliveira, 2015), foi um conjunto de fatores econômicos, ambientais e sociais que culminaram em tal situação, sendo elas: sucessivas quedas na safra do feijão, além da própria substituição do tipo de feijão, degradação do solo e escassez de água, retirada de Irecê do zoneamento de crédito agrícola, endividamento dos agricultores e desaparecimento de empresas estatais.

Um exemplo na paisagem das alterações ambientais é o Riacho do Baixão que corta a sede do município de São Gabriel e que sofreu processo de assoreamento, ou de “entupimento” como dizem os moradores locais.

E: E o baixão?

Juarez: era muito fundo, corria muita água. Se vier um aguaceiro desse leva essa casa, hoje ele tá entupido. Corria água umas 3, 4 vezes do ano em tempo de chuva. O baixão era muita água.

Apanhei muito nesse baixão. Tinha um barreiro do finado Neto e quando chovia e enchia nois ia tomá banho e finada Deomera era tão besta que batia em nois. Eu e meus irmão apanhemo. Se tivesse deixado nois banha saberia nadar. E não tem coisa meio que sabe nadar, tá na beira do rio e nadar.

Onde fazia muito adobinho queimado era nesse baixão, tinha forno e as lenhas. (Juarez José de Brito, entrevistado por Thais Rocha, 2020).

Um bem natural que permeia a lembrança de todos os moradores, por ser o local do lazer para banhos, o local do trabalho para as lavadeiras de roupa, e o local símbolo da resistência pelo seu fornecimento de água para grande parte da população, mesmo dispondo de água salobra.

Desse modo, temos, além de toda a estrutura agrária, a situação financeira dos agricultores prejudicados, as roças com baixo ou nenhum plantio, e as diversas práticas em busca de solução dos agricultores, e vemos um “símbolo natural” do processo de decadência da agricultura na região **(Figura 14)**.



Figura 14. Imagem de São Gabriel, destaque para área verde, o Riacho do Baixão. Fonte: Google Earth, 2021

Na figura é possível observar que a malha residencial de São Gabriel possui um formato horizontal associado ao Riacho do Baixão (trajeto em verde) que divide a cidade em dois, diferenciando a cidade em uma parte alta (a sul) e uma parte baixa (ao norte). Essa diferenciação também está presente na forma que a população nomeia essas regiões, sendo a região mais baixa denominada de baixão, por lidar com mais frequência com as cheias do riacho. Ainda nessa figura, podemos identificar que existe uma maior concentração de ocupação de lotes e propriedades residenciais na parte de cima, tanto por conta da segurança física (por conta das cheias do riacho), quanto, pelo fato de que o “centro” da cidade com todos os aparatos públicos e de comércio se concentrarem ali.

O Riacho do Baixão representa ilustrativamente com suas cheias todas as lembranças que esse período traz às pessoas de grandes colheitas, farturas e trabalhos, e também das dificuldades nos períodos por dificultar o acesso aos dois lados da cidade. Mas hoje ele é olhado muito mais como local da perda e da falta de zelo que os moradores não tiveram com o Baixão. Nas outras entrevistas feitas, grande parte das conversas chegam ao ponto de como a paisagem de São Gabriel mudou por conta do “dinheiro”. **(Figuras 15 e 16)**



Figura 15. Baixão no período de cheia na ponte da pinguela. Autor e data desconhecidos. Fonte: Acervo pessoal de Brasilidis, s/d.



Figura 16. Ponte da pinguela com baixão assoreado. Autora: Thais Rocha, 2020

O conflito de interesses entre a produção econômica e a exploração da natureza requer um amplo debate que não será realizado aqui. Apesar de que como possível observar nas figuras, temos um clássico exemplo de situação que demonstram as

consequências do avanço da ocupação do solo em áreas próximas a sistemas hídricos, ocasionando a trocar cheias por enchentes (considerando aqui o segundo termo relacionado a um problema de infraestrutura urbana). Ou até mesmo, o esgotamento e o aceleramento de um processo de assoreamento do riacho, levando a redução da sua profundidade e o “entupimento” do riacho, como é dito pelos moradores.

Desse modo, a intenção é apenas apresentar a existência de tais problemáticas ambientais expostas entre os entrevistados, demonstrando os resultados e consequências da exploração dos recursos naturais ocorrida na região nos anos anteriores. A prática ideal entre a agricultura e o meio ambiente existe e há uma gama de diversidade que pode ser aplicada, mas quando estamos falando de um sistema de produção de monoculturas que visa o mercado nacional e internacional não há equilíbrio, pois para a existência dessa prática a desigualdade é peça chave.

5. Memória tem gênero?

Neste tópico, gostaria de trabalhar um ponto sensível à nossa discussão: se a memória tem gênero. Diria que sim: ela é masculina. Apesar do nosso lugar de estudo não ser amplamente valorizado dentre as pesquisas acadêmicas, ou os sujeitos que compõem essas histórias serem diminuídos enquanto indivíduos na nossa sociedade, as mulheres são ainda mais desvalorizadas. Nas pesquisas em agrária, muito se fala na figura do vaqueiro, do agricultor, da figura do homem como sujeito principal da manutenção do modo de vida camponês. Apagando desse modo todo o trabalho feminino, trabalho esse que é o principal mantenedor de toda forma de reprodução capitalista, como pontua em seus estudos Frederici (2019). A autora destaca como o papel exercido pelas mulheres historicamente é apagado e silenciado e como sem ele não seria possível existir sequer a acumulação primitiva, na qual Karl Marx em *O Capital* situa a formação do sistema capitalista.

O trabalho feminino não remunerado e não valorizado é evidente na memória aqui trabalhada:

E: As pessoas se ajudavam por aqui? Como era?

Janice: eu ficava com os menino de Bimba, com os de cumade, com os de Lozinha. E quando pensava não sei quantos menino dentro dessa casa de dia e de noite. Era sofrimento, pra aquelas mãe ir pra roça capinar ou pra quebrar mamona, pra fazer qualquer coisa, mas a coisa era difícil. E hoje eu tô no céu. (Janice Leolina, entrevistada por Thais Rocha, 2020).

E: E como era ser esposa de vaqueiro?

Janice: Era escravizada, porque vaqueiro sai e não tem hora pra voltar. Naquele tempo não tinha energia, um fogão a gás. E vinha gente doente pra cuidar. Pai ficou cego e morreu dentro desse quarto aqui. E não tinha nem umas latas veia pra pegar água, era nas cacimba que pegava lá do baixão. Quando não era desse, era de um outro do lá do outro lado. Ia dormir na casa de Miliana que ela ta sozinha e o marido foi pra roça. Vai pra casa de Selina que ela tem muito menino e o marido dela é vaqueiro, vocês lava os pratos, varre terreiro, dá banho nos menino, enche as cacimba de água. Nois era escravizada Vaqueiro que era coisa arrochada, ia pro campo, quando chegava com 3 e 4 dia com um rebanho de vaqueiro meia noite, não tinha fogão a gás, não tinha energia, e eu matava 4 galinha, ia pelá, ia tratá e

cozinha. E eles deixava e esperava eu fazê o de comê, não era desse jeito Juarez? A boca era quente (Janice Leolina, entrevistada por Thais Rocha, 2020).

Janice: nós fazia três sacos de avoador por dia, pra ganhar o dinheiro era um trabalho pesado. A tapioca, a gordura tem de botá dentro da massa, os ovos, bate bem batido e colocando dentro da forma e pôr no forno. E nós não conhecia lenha de aveloz e botemo. Era um trabalho pesado, bate umas baciona de massa (Janice Leolina, entrevistada por Thais Rocha, 2020).

Tal afirmação se dá não só pelos relatos de dona Janice, mas das outras mulheres que entrevistei que, por mais que não estejam sendo analisadas nesta pesquisa, fazem parte da área e da memória de estudo.

Podemos perceber que, na área de estudo, há uma sobrecarga nas mulheres, já que ocorre o acúmulo dos trabalhos da roça particular, trabalho compartilhado das roças da família e de amigos, trabalho de casa, criação dos filhos, cuidado e zelo com familiares e amigos doentes, além da execução de serviços extras com intenção de obter renda à parte da agricultura. Ou seja, na presença ou na ausência da figura masculina no ambiente de moradia, as mulheres sempre tiveram de exercer diversas funções e atividades não remuneradas e não valorizadas tanto sob a ótica do trabalho propriamente dito, quanto no âmbito da pesquisa social, já que, quando se estuda o campo brasileiro, a figura da mulher é tratada como secundária. Um dos trabalhos que abordaram a relação de sororidade entre as mulheres são gabrielenses é a formação de freguesia estudado por Rocha (2008).

“[...] a freguesia tenha se constituído numa estratégia de resistência em sociedades caracterizadas por uma realidade marcada por desigualdades e assimetrias sociais intensas, como as regionais e as de gênero. Porém, muito além de uma estratégia sócio-econômica, resguardadas suas mudanças, a freguesia representa uma rede de troca solidária, capaz de produzir forte sentimento de pertença, em seus membros (ROCHA, 2008, p.89) ”

A freguesia de acordo com a autora seria a formação de grupos de mulheres familiares ou amigas as quais se auxiliavam durante o período de debulhas de milho, colheita de mandioca, durante o parto e puerpério, situações de doenças, etc. Essa formação não é apenas uma atividade física, mas subjetiva, já que envolve saberes e conhecimentos como os da parteira, remédios e ervas curativas.

Bombardi (2017), em seus estudos, compara a agricultura e a própria Terra (tanto enquanto planeta como solo) com o arquétipo feminino. Assim, mulheres são portadoras da vida e do alimento, assim como o solo em que brotam sementes e que se transformam em comida. A autora ainda utilizando Woortmann E; Woortmann, K (1997) cita os arquétipos feminino e masculinos no trabalho camponês, no qual o trabalho masculino (no que condiz a subjetividade) está associado ao movimento externo, enfrentando perigos como a mata e animais peçonhentos; e a mulher os mistérios internos com o perigo do corpo, partos e os ciclos menstruais. Todavia, aqui acrescento que as mulheres enfrentam os dois tipos de mistérios, já que além do seu próprio corpo, vivemos diariamente o externo, no qual a presença masculina não se faz necessária ou está ausente.

Apesar de estar trabalhando sobre a ótica da memória coletiva do trabalho rural, é mais do que necessário questionar como a memória coletiva está sendo dada, já que ela não é horizontal no que condiz ao gênero. Questionar quais são as figuras e personagens que são lembradas e rememoradas, e quais os trabalhos que são valorizadas dentro do universo do mundo rural, é um trabalho de desconstrução e ressignificação, mas principalmente de valorização do trabalho das mulheres que sem o qual não seria possível existir a figura do vaqueiro, por exemplo. Sobretudo, pelo fato de que se não fosse o trabalho das mulheres de seleção dos alimentos, preparo, cuidado diário da rotina da casa, criação dos filhos, cuidados aos maridos, cuidado às roupas, ajuda a outras mulheres, o trabalho na roça braçal, dentre uma infinidade de funções acumuladas, a existência do núcleo familiar para esse tipo de agricultura não seria sequer possível. A agricultura familiar sob essa ótica para essa região se apresenta como resistente, devido à presença e ao trabalho das mulheres.

6. Considerações finais

Como muito que foi dito nesta pesquisa, o trabalho com a memória não é algo simples de fazer, devido à subjetividade do olhar e a sensibilidade que ela traz ao mexer com lembranças, principalmente de idosos. Ela se torna ainda mais sensível quando se tem na paisagem a memória fixada, seja pelas casas de adobe, pelas roças, pelos riachos como o Baixão, os engenhos e pela própria Caatinga. É uma confluência entre o natural e o construído em transformação.

Logo, quando temos como objetivo compreender quais são as memórias em relação ao trabalho rural, temos como resultado que são diversas: memórias associadas ao sofrimento da labuta, ao trabalho excessivo, horas debaixo do sol, mas também ao momento da socialização da conversa, interação entre os agricultores, familiares e amigos. Sendo de suma importância destacar que nesse caso a memória e o trabalho são quase sinônimos, pois a vida dessa população foi destinada sumariamente ao trabalho, seja o da roça ou das tarefas, ou os dois para as mulheres.

Vejo como pontuado no capítulo anterior que há uma diferença sobre o que é a memória do trabalho rural para as mulheres e para os homens. É perceptível que ambos sofreram nesse processo. Todavia, para as mulheres ele foi muito mais árduo já que a pluriatividade se tornou *multipluri*. Não à toa que, tanto na entrevista com Dona Janice, quanto com outras mulheres, elas não têm desejo ou sequer saudades desse período, já que como Dona Janice disse: “antes eu vivia era no inferno, hoje eu tô é no céu”.

Para os homens, percebo que há uma valorização dos tempos de trabalho árduo, pois eles são associados a fartura de alimentos, ao tempo bom (tanto o meteorológico quanto o subjetivo) e que, no estágio de velhice, quando os familiares e amigos chegam a falecer e a vida não tem a mesma rotina intensa, ela se torna cansativa e repetitiva. Não à toa que a prática de ir à roça diariamente, mesmo que não haja trabalhos intensos, seja só pelo cuidado dos animais, é realizada principalmente pelos homens, sob a justificativa de gostarem de realizar tais atividades.

A dúvida que paira no ar é: até que ponto essa resiliência do trabalho rural exercida pelos homens, sobretudo os idosos, é de fato uma resistência do campo ou é somente mais uma tentativa de permanecer e resgatar os períodos áureos? A dúvida no caso tem gênero, pois claramente para as mulheres o período de calma, no qual elas têm acesso a dinheiro, ao poder de compra e disponibilidade de mercadorias que têm interesse (vindo por conta da aposentadoria) é o presente, enquanto o passado é apenas destinado às recordações de trabalho excessivo.

Quando nos debruçamos sobre as transformações que o município sofreu, temos uma sequência de mudanças vistas nas lembranças do casal entrevistado, e permanentes na paisagem de São Gabriel.

Como visto no capítulo sobre o trabalho rural na cidade, temos que o processo de crescimento e emancipação foi impulsionado e construído pelo Estado brasileiro com intenção de expandir a produção de commodities, sobretudo o feijão de corda que era lucrativo na região. Ou seja, a aplicação de políticas agrárias, liberação de crédito nos bancos, investimento em pesquisa, institutos, etc, formaram uma rede de capital fixo destinada à agricultura, além dos processos secundários com o aumento do fluxo populacional, tanto pelos atravessadores quanto de trabalhadores temporários e o próprio crescimento da população, devido à fixação de migrantes na região.

Foram cerca de 30 anos de investimento maciço na terra do feijão que foram paralisados rapidamente, quando houve a tentativa de substituir o tipo de produto que não foi muito bem aceito pelo solo por conta do seu desgaste, a redução de recursos hídricos que foram altamente explorados no período anterior e a diminuição da velocidade do plantio-colheita que não é favorável ao comércio que começou a se tornar exterior e não mais interior. Portanto, o monumento na praça de Irecê “O Brasil cresce e Irecê abastece” poderia ser substituído por “O Brasil não cresce, então Irecê não abastece”.

Ou seja, “a terra do feijão” é uma criação do Estado brasileiro que aproveitou a existência de uma estrutura agrária familiar para introduzir e expandir os princípios do agronegócio, mas a partir do momento que essa região não supre e não se encaixa mais nos planos de negócios brasileiro, e áreas como o Cerrado e o sudeste passam ser mais atrativas, o mesmo Estado cria a decadência da região. Logo, a ascensão e a queda e consequentemente todos os problemas que resultaram disso na terra do feijão foram construções programadas e executadas. Um ponto importante a destacar é que a região mais a Oeste, conhecida como parte do Matopiba, é atualmente uma nova fronteira agrícola no país, demonstrando mais uma vez que as regiões são construídas economicamente e fisicamente por figuras e instituições de acordo com seus interesses financeiros.

Por fim, o que podemos tirar da pesquisa é que a memória humana é construída diariamente, tanto pelo momento no qual acontece o fato quanto pelo momento no qual você a recorda e a ressignifica. E a vivência desses momentos que irão construir a memória são ações sociais, físicas, emocionais e econômicas, os quais todos estão associados diretamente ou indiretamente a agentes externos econômicos. A prática

metodológica proposta por Santos (2014a), quando diz que é preciso analisar do local ao global, se encaixa na memória, pois não é possível analisar a memória como categoria exclusiva da prática individual ou social. Ela faz parte de um conjunto de ações e personagens que terão uma visão similar ou diferenciada do mesmo fenômeno. A memória é uma construção do âmbito individual, coletivo e até nacional ou internacional, regida por dois tipos de atores, os econômicos e os sociais.

7. Referências Bibliográficas

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

ALBERTI, Verena. **O que documenta a fonte oral? Possibilidades para além da construção do passado**. Rio de Janeiro: CPDOC, 1996. 8f.

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. **A Invenção do nordeste e outras artes**. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMEIDA, A.W.B. Terras de quilombo, terras indígenas, “babaquais livres”, “castanhais do povo”, faxinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. In: **Coleção “Tradição e ordenamento jurídico”**, Manaus: PPGSCA-UFAM / Fundação Ford, vol.2, 2008, p.25-131.

ANDRADE, Manoel Correia de. **A terra e o homem no Nordeste**. São Paulo: Brasiliense, 1973. 251 p.

ARRUTI, José Maurício Andion. **Territórios Negros. Tempo Presença**, 1999

BERNARDES, Denis de Mendonça. Notas sobre a formação social do Nordeste. **Lua Nova**, São Paulo, 71: 41-79, 2007

BOMBARDI, Larissa Mies. **Geografia do Uso de Agrotóxicos no Brasil e Conexões Com a União Europeia**. São Paulo: FFLCH – USP, 2017

BOSI, E. **Memória e sociedade: lembranças de velhos** (3a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. 1994

CAMPOS, Alessandro; NASCIMENTO JUNIOR, João Batista do; BRITO, Larissa Tessari. Comportamento estrutural de tijolos de solo-cimento utilizando diferentes fontes de água e métodos de cura. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 20, n. 1, p. 283-296, jan. 2019.

CARLOS, Ana Fani A. O Turismo e a produção do Espaço. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte-MG, v. 8, n.1, 2002. p. 47-56.

DAVIS, Mike. **Holocaustos coloniais: clima, fome e imperialismo na formação do terceiro mundo**. São Paulo: Record, 2002. 490 p.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva**. São Paulo: Elefante, 2019. 460 p. Coletivo Sycorax (Tradutor)

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, nº 92/93 (jan/jun). 1988b, p.69-82

HARRES, M. M. História oral: algumas questões básicas. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15,

HESPANHOL, Antônio Nivaldo. O desenvolvimento do campo no Brasil In: FERNANDES, B. M, et al (Org). **Geografia Agrária: Teoria e Poder**. São Paulo: Expressão Popular. 2007, p. 271-287.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 102 p.

KUHN, Thomas S. **The structure of Scientific Revolution**. Chicago, Univ. of Chicago, 1962

LEFÈBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5. ed. São Paulo: Centauro, 2008. 144 p.

LEFÈBVRE, Henri. O espaço. In: LEFÈBVRE, H. **Espaço e política**. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2008, p. 36 – 57.

LONDRES, Cecília. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. **Inventário nacional de referências culturais: manual de aplicação**. Brasília: IPHAN, 2000.

MACHADO, Cecília. **São Gabriel, memórias e lembranças**. Irecê: Print Fox, 2004, 91p.n. 28, p. 99-112, dez. 2008.

MARTINS, Flávio Dantas. **Agrocaatinga: formação da propriedade fundiária, organização social e estrutura econômica em Morro do Chapéu e Xique-Xique (1840-1920)** /. 2011. 194 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

NEVES, Erivaldo Fagundes Região, Território, Lugar: Sertão como categoria espacial, alteridade sociocultural e interação político econômica. In: NEVES, Erivaldo Fagundes (org.). **Sertões da Bahia: formação social, desenvolvimento econômico, evolução política e diversidade cultural**. Salvador: Arcadia, 2011. Cap. 2. p. 51-60

OLIVEIRA, Ariovaldo U. **Modo Capitalista de Produção, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCU/LABUR Edições, 2007.184p.

OLIVEIRA, Eliandro Francisco de. **Implicações da pluriatividade na produção do espaço agrário no município de São Gabriel-BA**. 2015. 187 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências. Universidade Federal da Bahia, Salvador [2015].

PEREIRA, J. P; PEREIRA, Leonellea. **Terra dos Arcanjos. Historiografia da cidade de São Gabriel**. 2 ed. Irecê: Print Fox. 2010, 289p.

PRETI, Dino et al. **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanistas, 1999. 237 p. (Projeto Paralelos).

REIS, Alécio Gama dos. **MEMÓRIAS DO SERTÃO DE IRECÊ (1943-1985) ALÉCIO GAMA DOS REIS** Feira de Santana – BA 2012 **O QUE FARPA O BOI FARPA O HOMEM: CAMPO DAS MEMÓRIAS DOS VAQUEIROS DO SERTÃO DE IRECÊ (1943-1985)**. 2012. 363 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2012.

ROCHA, Ana Ferreira. **GÊNERO, RECIPROCIDADE E REPRODUÇÃO SOCIAL: O CIRCUITO DA DÁDIVA NA PRÁTICA DA “FREGUESIA” ENTRE MULHERES DE SÃO GABRIEL-BA**. 2008. 99 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia Doméstica, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2008.

SANTOS, Emily Rodrigues dos. **A SECA É O INVERNO DE MUITA GENTE**. 2014. 136 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Departamento de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2014.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2014a. 176 p. (Coleção Milton Santos). 3reimpr

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2014b. 120 p. (Coleção Milton Santos). 2. reimp

SILVA, Maria Ediney Ferreira da. **O Nordeste nos livros didáticos de geografia de 1905-1950**. 2012. 172 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

SILVA, Marinélia Sousa da. Os sertões oitocentistas na historiografia baiana: notas sobre a escravidão. In: NEVES, Erivaldo Fagundes (org.). **Sertões da Bahia: formação social, desenvolvimento econômico, evolução política e diversidade cultural**. Salvador: Arcadia, 2011. Cap. 1. p. 15-50.

VIEIRA, L. P.. Análise ambiental da ricinocultura na Microrregião Geográfica de Irecê. In: XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina 2013 Perú, 2013, Lima. **Anales del XIV Encuentro de Geógrafos de América Latina 2013 Perú**, 2013.

WOORTMANN, E; WOORTMANN, K. **O trabalho da terra**. Brasília: Editora UNB, 1997